



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE PALMAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM FÍSICA

LIDIANA DA SILVA TORRES NOGUEIRA

VIOLÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR

PALMAS/TO
2021

LIDIANA DA SILVA TORRES NOGUEIRA

VIOLÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR

Monografia foi avaliada e apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Palmas, Curso de Física para obtenção do título de graduada e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Orientadora: Dra Mariela Cristina ayres de Oliveira
Coorientadora: Simone Andréa Pinto Pereira Barros

Palmas/TO
2021

FOLHA DE APROVAÇÃO

LIDIANA DA SILVA TORRES NOGUEIRA

VIOLÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR

Monografia foi avaliada e apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Palmas, Curso de Física para obtenção do título de Graduado em Licenciatura em Física e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: ____ / ____ / ____

Banca Examinadora

Prof. Dra. Mariela Cristina Ayres de Oliveira, UFT

Prof. DR. Elton Carvalho de Lima, UFT

Prof. Simone Andréa Pinto Pereira Barros, UFT

Palmas, 2021

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha família, que sempre me incentiva a estudar e melhorar como profissional e ao meu filho que se priva de momentos comigo quando estou envolvida com os estudos. Dedico também aos meus colegas de trabalho que buscam sempre a melhoria da educação através de seus atos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que em todos os momentos me deu discernimento e sabedoria para trilhar todos os caminhos da minha vida.

Agradeço a minha família e ao meu filho, por me amar incondicionalmente e proporcionar momentos de sossego quando é necessário mergulhar nos estudos.

Agradeço aos amigos que, querendo o meu bem, se privaram da minha presença em prol dos estudos.

Agradeço aos professores, orientadores e em especial à professora orientadora por me incentivar e não permitir desistir no meio do caminho.

Agradeço aos meus professores de ontem e de hoje, que foram espelhos para mim e que contribuíram e contribuem para abrilhantar essa eterna caminhada em busca do saber

RESUMO

A presente pesquisa intitulada “ Violência na Escola ” tem por objetivo geral de estudo a análise dos efeitos provenientes da violência dos alunos do 1º ao 3º ano do ensino médio, visando a melhoria da indisciplina no ambiente escolar. Teve ainda como objetivos específicos: Identificar as causas da violência na escola e sua repercussão social; analisar as opiniões dos participantes sobre o tema pesquisado e identificar estratégias pedagógicas a serem utilizadas pelos professores para evitar os atos de violência e redução da indisciplina na escola. A metodologia escolhida foi o da abordagem qualitativa com a utilização de questionários para coleta de dados. Verifiquei que os casos que mais ocorrem nessa Instituição de ensino são de alunos que se envolvem em troca de insultos e palavrões, brigas, agressões físicas dentre outras ocorrências que prejudicam o bom andamento das aulas, interrompendo e conseqüentemente comprometendo a aprendizagem. Através dos resultados obtidos procurei detectar as fragilidades existentes no ambiente escolar, bem como indicar possíveis estratégias a fim de tornar o ambiente mais harmonioso, amenizando a indisciplina, levando em consideração a importância de um ambiente democrático e emancipador.

Palavras-chaves: **Indisciplina. Violência escolar. Escola.**

ABSTRACT

This research entitled "Violence at School" has the general objective of studying the effects of violence from students from the 1st to the 3rd year of high school, aiming at improving indiscipline in the school environment. It also had as specific objectives: To identify the causes of violence at school and its social repercussion; analyze the opinions of the participants on the researched topic and identify pedagogical strategies to be used by teachers to avoid acts of violence and reduce indiscipline at school. The chosen methodology was the qualitative approach with the use of questionnaires for data collection. I found that the cases that most occur in this educational institution are students who get involved in exchange for insults and profanity, fights, physical aggression among other occurrences that hinder the smooth running of classes, interrupting and consequently compromising learning. Through the results obtained I tried to detect the weaknesses existing in the school environment, as well as to indicate possible strategies in order to make the environment more harmonious, easing indiscipline, taking into account the importance of a democratic and emancipatory environment.

Key-words: Indiscipline. School violence. School

SUMÁRIO (MODELO PARA MONOGRAFIA, DISSERTAÇÃO E TESE)

1	INTRODUÇÃO	08
2	OBJETIVO	12
2.1	Objetivo geral	12
2.2	Objetivos específicos	12
3	METODOLOGIA	13
4	INFORMAÇÃO	13
4.1	Transferência de informação.....	27
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
	REFERÊNCIAS.....	38
	APÊNDICES.....	40
	ANEXOS.....	41

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objeto de estudo a discussão sobre a violência escolar. O interesse pela temática surgiu depois de alguns textos lidos e observados, quando vimos que esse tema é sempre discutido e debatido em todo lugar e sobre alguns casos de violência que vem acontecendo atualmente, com grande frequência, em ambientes escolares, professores tendo medo de trabalhar por sofrerem ameaças de seus alunos dentro das salas de aula. Sempre existiu a violência, mas sabemos que no mundo de hoje virou algo de muita preocupação na sociedade, ganhando mais força e tomando proporções totalmente fora do controle.

É fato que as políticas públicas para combater a violência nas escolas ganharam força com o apoio da população, as leis tornaram-se mais severas para quem pratica esse tipo de ato com crianças, adolescentes, adultos e idosos que não conseguem se defender sozinhos. Muitas escolas hoje construíram redes de proteção como: guardas, câmeras de vigilâncias e polícia solidária para amparar os alunos em situações de riscos e livrá-los do assédio de possíveis agressões e de aliciamentos para uso de drogas, que é um assunto atualmente muito discutido.

Na maioria das vezes, a droga é a causa principal da violência dentro das escolas. A violência é um fenômeno muito praticado no interior da escola e com o passar do tempo essa prática vem aumentando cada vez mais. Existem muitos fatores que se associam a esse comportamento e a escola juntamente com a família são fundamentais para um progresso na diminuição desse fenômeno. Quando se pratica a violência, o indivíduo sabe que haverá uma punição, mesmo que seja uma violência física ou verbal, ele terá que arcar com as conseqüências desde o começo dos atos.

O problema da violência não acontece somente no Brasil, vez por outra as manchetes dão conta de que nos países do primeiro mundo jovens armados com armas de grosso calibre invadem escolas renomadas e matam dezenas de alunos, professores e pessoas que estiverem próximas.

O professor é um personagem indispensável na vida e na educação de todos nós e não existe um respeito e valorização que merecem, pois ao chegarem às salas de aula não sabem com o que vão se deparar e qual a “novidade” que seus alunos vão trazer para agredir quem estiver por perto. A tendência é de que continue aumentando a prática dessas agressões e isso é algo que assusta muito nos dias de

hoje. Segundo Debarbieux (1998, p. 39, apud 2 ABRAMOVAY, 2003) a escola está mais vulnerável a fatores externos, como desemprego e a precariedade da vida das famílias nos bairros pobres.

Ele menciona ainda o impacto da massificação do acesso à escola, que passa a receber jovens afetados por experiência de exclusão e de participação em gangues. Esses fatores externos de vulnerabilidade se somam àqueles decorrentes do aumento as condutas inadequadas ou não usuais na escola.

É necessário que o professor entenda todos os aspectos históricos, econômicos e culturais da sociedade, principalmente do seu aluno dentro do âmbito escolar. Infelizmente a violência escolar vem crescendo nos últimos anos nas instituições, sendo assim o número de educadores tende a cair, pois além dos salários baixos os episódios de violência e o medo têm levado os professores a desistir desta profissão.

As causas para a tal violência estão na desestruturação familiar, miséria, agressividade dentro e fora de casa, falta de instrução, limites, entre outros. Entretanto, outro motivo bem relevante para a violência está na falta de estrutura das escolas. Para tentar superar a crescente violência escolar é preciso a união entre escola, alunos e pais.

Pois o indivíduo se forma a partir de muitas influências, e cabe a família ser a base de valores e princípios. O desrespeito é inadmissível, mas o papel do profissional da educação é de refletir e compreender sobre a violência crescente e a realidade do dia a dia dos seus alunos.

Sociedade e educação caminham juntas, uma precisa da outra para se sustentar, visto que todos nós precisamos de uma boa educação para nos relacionarmos. Com isso, a sociedade tem o papel fundamental de agir e buscar soluções que melhorem as condições de vidas para estes profissionais que tanto fazem por uma educação cada vez melhor.

Dando todo o suporte necessário dentro das salas de aulas, qualificando e reconhecendo o seu trabalho. Este trabalho tem como finalidade analisar as causas que levam a ocorrência da violência em uma escola estadual de Palmas Tocantins.

De fato, o fenômeno tem mais frequência em escolas públicas e por esse motivo decidimos estudar sobre a violência escolar, por ser um tema bastante relevante e polêmico. Nas instituições estaduais que já estagiei presenciei algumas situações de violência e isso gerou vários questionamentos sem respostas

constatando o inevitável, de que invadiu todas as áreas de relações e que não vem sendo tratada de forma devidamente correta.

Neste sentido, esse estudo é justamente para nos alertar, o que antes era uma questão de disciplina hoje é tema de estudo em muitos países visto como um problema social preocupante que precisa ser discutido para se pôr um fim.

1.1 PROBLEMÁTICA

O contexto social, familiar e escolar promove a construção da identidade dos indivíduos, repassam valores, bem como constroem situações negativas quando algumas ações fogem do controle. Neste caso, iremos centrar o estudo da violência escolar.

A violência escolar acontece de forma física e psicológica, com espancamentos, xingamentos, exclusão, preconceito e tortura emocional. O bullying vem como uma prática mais lenta e perversa, pois o seu praticante não o faz uma única vez, mas constante. As agressões físicas na escola acabam por prejudicar o desenvolvimento de ensino e aprendizagem dos sujeitos agredidos. As causas que podem fazer aparecer à agressão são incalculáveis, tanto nas formas em que se manifestam como nos prejuízos que ocasionam.

Em geral as causas ou fatores que o provocam podem ser pessoais, familiares e escolares. E a escola também pode incitar a violência, através das suas punições, humilhações e exclusão. Os tipos de violência mencionados ocorrem derivados da falta de estrutura familiar, contexto social violento, gangues juvenis e até mesmo com o tráfico de drogas na escola.

Esse problema vem se tornando cada vez mais recorrente, uma vez que a violência contra a escola tem muitas vezes esse objetivo. A violência escolar necessita de maior atenção quanto a sua origem, causas e os tipos de violência que ocorrem nesse contexto. A escola deve estar atenta para essa problemática, a mesma possui uma grande responsabilidade de formar sujeitos e todas as suas dimensões devem ser refletidas.

1.1.1 Hipótese

Através do plano de intervenção sobre essa temática, será possível diminuir a violência no âmbito escolar? Qual é o papel da escola frente a violência ?

1.1.2 Delimitação de Escopo

Violência no âmbito escolar nos alunos do Ensino Médio da Escola Estadual Criança Esperança na cidade de Palmas Tocantins.

1.1.3 Justificativa

Sabemos que a escola tem um papel fundamental na sociedade, como aponta Anacleto et al. (2005, p.3) ela é “o lugar onde se aprende os princípios básicos, sociais, moral e ético indispensável para o convívio e bem estar de uma coletividade”, ou seja, é um local indispensável para o ser humano no seu processo de aprendizagem.

Porém, como aponta estes mesmos autores a violência vem alterando o papel da escola, interferindo na aprendizagem dos integrantes da escola. Sabe-se que um bom aprendizado acontece quando o indivíduo está saudável, consideramos uma pessoa saudável aquela que tem a saúde física, mental e espiritual equilibrada.

Ou seja, se uma delas encontra-se com deficiência não podemos dizer que a pessoa está saudável, sendo assim seu processo de aprendizagem terá dificuldade.

A violência acaba afetando pelo menos duas dessas a saúde física e mental, portanto a escola tem que atuar no combate a mesma.

Diante desse cenário de crescente violência, a escola tem o papel de promover “estratégias conjuntas entre sociedade, estado, família e escola, efetivando de fato as políticas públicas que visam à proteção desses sujeitos, criando espaços de debates sobre implementações e ações que sejam cada vez mais efetivas contra a violação de direitos humanos” (ANACLECTO et al, 2005, p.8).

Percebe-se que sozinha a escola não consegue dá conta dessa demanda, é preciso ter um apoio da sociedade como um todo, principalmente da família, que é a base dessas pessoas que se encontram na escola.

1.2 OBJETIVOS

Uma compreensão e uma prevenção mais aprofundada no assunto. Avaliar como a violência nas escolas esta associada à proficiência dos alunos.

1.2.1 OBJETIVO GERAL

O objetivo principal foi o de fazer uma reflexão sobre a violência no ambiente escolar, procurando compreender as causas que levam a esse fenômeno e como este interfere no ensino aprendizagem.

1.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Como objetivos específicos, procurou-se:

Entender o fator violência enquanto fenômeno desencadeado por indivíduos dentro e fora do ambiente escolar;

Identificar as diferentes faces da violência no ambiente escolar e como esta tem se apresentado com maior evidência;

Apontar possíveis soluções para o problema com base nas ideias de pesquisadores no assunto.

1.3 METODOLOGIA

A metodologia estará voltada para a pesquisa bibliográfica, procurando evidenciar que no momento atual, a violência é um fenômeno que se observa com freqüência crescente em todos os domínios da vida social.

A questão da violência e as violações dos direitos humanos no Brasil, especialmente as que atingem a vida e a integridade física e moral dos indivíduos, além de serem amplamente divulgadas na sociedade em geral, aparecendo com bastante ênfase nos meios de comunicação de massa, constituem-se, segundo as pesquisas de opinião pública, em uma das maiores preocupações da sociedade.

1.3.1 METODOLOGIA DA PESQUISA

A proposta dessa pesquisa teve origem no cenário da indisciplina escolar, que apresenta uma complexidade que precisa ser levada em consideração e investigada com vistas a melhoria do ensino.

A instituição pesquisada apresenta problemas cotidianos de indisciplina, que se intensificam nas as turmas de 1º e 2º anos, onde os professores interrompem constantemente as aulas para a resolução de conflitos entre os alunos.

Foi realizada na Escola Estadual Criança Esperança, situada na região norte de Palmas Tocantins. A escola conta com um quadro de 15 professores, 2 coordenadores pedagógicos, 01 psicopedagoga. A direção é composta pela diretora, vice-diretora, 6 supervisora pedagógica e supervisor administrativo.

Conta ainda com 800 alunos aproximadamente, com idades que variam de 14 à 55 anos. Esses alunos estão distribuídos em 30 turmas que vão do 1º até o 3º ano do Ensino Médio.

O quantitativo alto de alunos se dá devido ao fato das escolas já construídas serem insuficientes para atender à demanda de alunos existentes na cidade.

1.3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesse momento foi produzida a matéria prima para a construção das análises de maneira a buscar o maior esclarecimento possível sobre o tema em questão. Foram elaborados dois questionários com dez questões objetivas em cada, sendo um direcionado aos professores e outro aos alunos.

Para a validação dos questionários, procedera a aplicação dos mesmos para duas professoras que lecionam em turmas de 1º ano e para cinco alunos também do 1º ano.

Assim, para coleta de dados, foram utilizados dois questionários: um composto por 05 perguntas para os professores e outro contendo 05 questões para os alunos. No questionário dos professores, houve cinco questões fechadas, sendo que em duas foi necessário justificativa. As questões 01 e 02 abordaram os tipos de indisciplina mais freqüentes em sala e as suas principais causas.

A questão 03 averiguou quais as atitudes tomadas pela escola diante de ações de indisciplina. As questões 04 e 05 averiguaram se a coordenação pedagógica e a proposta pedagógica da escola contemplam o assunto indisciplina em seu contexto.

No ato da entrega do questionário aos professores, vai ser dado ênfase a sua importância para a investigação do tema. A devolução será no mesmo dia. O questionário dos alunos vai ser aplicado em diferentes momentos, com grupos de quatro alunos para facilitar a compreensão e o seu preenchimento. Em cada grupo vai ser apresentado o objetivo da pesquisa, a aplicação será logo após a explicação da mesma.

As cinco questões foram fechadas, onde em uma delas será necessário justificar a resposta.

As questões 01 e 02 foram referentes ao seu conhecimento a respeito do Regimento Interno da Escola e sobre a discussão dos direitos e deveres em sala de aula.

Na questão 03, o aluno pôde mencionar o interesse do professor na resolução das questões de indisciplina em sala de aula.

As questões 04 e 05 trouxeram suas impressões a respeito de advertências e suspensões e se os pais eram informados quando estas aconteciam.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

PROBLEMATIZAÇÃO

2.1 VIOLÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR

A escolha que eu tive em analisar violência e indisciplina nas escolas públicas se deu pelo fato de violência e indisciplina estarem diretamente ligadas ao contexto sociocultural, o que implica na difícil tarefa em se aprofundar nas questões que levam a essa violência com vistas a encontrar formas de evitá-la dentro dos ambientes escolares, deixando de lado diagnósticos simplistas e superando propostas de mera repressão.

A violência não é um problema novo e muito menos apenas vivido nos tempos atuais. A diferença está na visibilidade dada à questão que nos dias de hoje é altamente divulgada pela mídia, inclusive nos casos de violência envolvendo crianças, adolescentes e jovens dentro de instituições escolares, o que causou o aumento da atenção dispensada às escolas.

Em muitos casos, essa visibilidade acontece devido a popularização das tecnologias que permitem que casos de agressões físicas e violências de todas as espécies sejam filmadas e fotografadas por alunos ou curiosos e veiculadas para o grande público.

Assim, uma das questões relevantes é compreender o porquê de episódios de agressões e violência gratuitas na escola estarem se repetindo de forma corriqueira e por várias vezes, ao ponto de comprometer o trabalho pedagógico desenvolvido nas escolas.

Considera-se que as questões de desordem familiar interferem diretamente na geração da violência na sociedade e na escola, cabendo aos educadores o árduo papel de orientar os educandos no sentido de desenvolverem uma relação de paz e harmonia na família, na escola e na sociedade.

É certo que a escola exerce papel de fundamental importância na questão da violência em seu lócus e na sociedade, mas a mesma encontra-se pouco preparada para enfrentar essa problemática, frente ao crescente comportamento agressivo dos

alunos que vivenciam um ambiente extraescolar que influencia muito em suas ações dentro da escola.

2.2 VIOLÊNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR

Vários autores e pesquisadores das ciências sócias e humanas tem se destacado em discutir a questão da violência na escola. No campo educacional, Abramovay e Castro (2006) se destacam pela publicação da pesquisa “Revelando tramas, descobrindo segredos: violência e convivência nas escolas”, realizada em parceria entre a Secretaria de Estado de Educação do DF e a Rede de Informação Tecnológica Latino-Americana.

Essa pesquisa foi realizada com o intuito de diagnosticar a violência nas escolas públicas, a fim de buscar subsídios para a adoção de medidas adequadas visando resolução de conflitos nas escolas. Para esses pesquisadores:

O quadro delineado ao longo deste livro mostra que as instituições educacionais vêm sofrendo com as dificuldades em prevenir e solucionar violências de diversos tipos que ameaçam a convivência no cotidiano escolar [...] O entendimento da realidade existente é primordial quando o intento é aprimorá-la [...] Nesse sentido é possível construir ferramentas para que os integrantes da comunidade escolar possam lidar com este tema, aumentando sua competência e suas possibilidades de melhor compreensão e intervenção na realidade (ABRAMOVAY, CUNHA E CALAF, 2009, p.435).

Quando falamos de violência escolar, nos deparamos com um grande dilema em compreender essa violência, pois à medida que tentamos entendê-la, nos deparamos com diferenças, que geralmente são usadas como sinônimos tais como indisciplina, agressividade, microviolências e outros em relação ao contexto escolar.

O autor Bernard Charlot (apud Abramovay e Rua 2002) reforça que existe dificuldade em definir ou demarcar aspectos referentes aos atos de violência na escola por que esse tema traz representações sociais e valores complexos como, por exemplo, o

fato da escola ser tida como refúgio, lugar seguro. O autor classifica os atos de violência escolar em:

- Violência: golpes, ferimentos, violência sexual, roubos, crimes, vandalismos;
- Incivildades: humilhações, palavras grosseiras, falta de respeito;
- Violência simbólica ou institucional: compreendida como a falta de permanecer na escola por tantos anos; o ensino como desprazer, que obriga o jovem a aprender matérias e conteúdos alheios aos seus interesses; as imposições de uma sociedade que não sabe acolher os jovens no mercado de trabalho; a violência na relação de poder entre professores e alunos. Também é a negação da identidade e satisfação profissional aos professores, a sua obrigação de suportar o absenteísmo e a indiferença dos alunos (BERNARD CHARLOT, 1997, apud ABRAMOVAY, 2004, p. 69).

Atores da escola como professores, coordenadores pedagógicos, gestores, pais, comunidade e a sociedade de modo geral, costumam atribuir todo e qualquer ato praticado pelos alunos como sendo violência e fazendo uso desse termo sem a menor preocupação com a sua distinção, mesmo em se tratando de simples conflitos, ou apenas da quebra de regras pedagógicas de convivência social preestabelecidas pela escola.

Dos fatores que envolvem essa temática, podemos perceber que se por um lado as ações praticadas pelo aluno no espaço escolar ultrapassam o que se considera socialmente aceitável, por outro, compreende-se que estas atitudes podem ter suas origens na realidade vivida por ele, como resposta, em alguns casos a muitas opressões e violências presenciadas por ele.

Debarbieux (2002) apresenta-se favorável à ideia de que os atos de violência no contexto da escola devem ser levados em conta em relação ao que dizem as vítimas, pois muitas vezes os abusos de poder e pequenas situações que passam despercebidas diariamente, podem causar danos mais graves do que os casos mais brutais e perceptíveis.

Ao ouvir essas vítimas, podem ser traduzidas verdades e percepções que passam longe das violências e punições previstas no Estatuto da Criança e do Adolescente ou do Código Penal.

De modo geral, nota-se que os comportamentos agressivos reproduzidos pelos alunos, podem estar relacionados ao que eles presenciam ou vivem dentro do

convívio doméstico, familiar ou social, mesmo não sendo comportamentos aceitáveis socialmente.

O indivíduo que possui comportamentos agressivos na escola, muitas vezes está sofrendo ou presenciando atos de violência e possivelmente se encontra cercado por situações de violência.

A pesquisa já referida anteriormente, “Revelando tramas, descobrindo segredos: violência e convivência nas escolas”, mostra que aspectos negativos envolvendo a

família, conflitos entre seus membros, violência doméstica, estilos de autoridade e de comunicação, alcoolismo e outras toxico dependências, fatores socioeconômicos, desemprego, separações, famílias monoparentais, que caracterizam uma desestruturação

familiar, seja em qualquer classe social, constituem fatores fortemente associados ao insucesso escolar dos filhos e aos seus comportamentos antissociais na escola.

Os modelos violentos que a criança ou o adolescente aprendem na família, vizinhança, na mídia ou com amigos, podem ser ressignificados na Escola enquanto um espaço de aprendizagem. A função e a estrutura da escola, enquanto instituição com objetivos educativos sistemáticos, que planeja suas intervenções e que possui profissionais com formação para melhor conduzir e facilitar a educação torna-se cada vez mais importante no mundo atual, pois a Escola enquanto condutora da educação formal, planeja, escolhe conteúdos, utiliza métodos, pensa e repensa as práticas pedagógicas, o que implica intencionalidade.

Da mesma forma, espera-se que a família cumpra seu papel de transmitir as primeiras noções de regras de socialização, de princípios éticos, morais, religiosos e de habilidades que facilitem a inserção da criança no ambiente escolar formal.

Desta forma, escola e família tem funções complementares, diversificadas e relacionadas de forma que uma precisa da outra em várias atitudes. De acordo com Abramovay, Cunha e Calaf (2009, p. 152): “As instâncias da escola e da família correspondem a duas agências socializadoras e interdependentes: ambas assumem funções educativas que algumas vezes se confundem e outras se sobrepõem”.

É preciso entender que a relação família-escola caracteriza-se pela interdependência. Se uma das partes deixa de funcionar bem, a outra será atingida. Ao falar sobre essa integração, Abramovay, Cunha e Calaf (2009, p. 153) indicam que:

A aproximação dos familiares com a instituição escolar pode derivar no fortalecimento de uma ação conjunta para tratar das eventualidades cotidianas, as quais muitas vezes atingem as duas esferas e a elas imprime uma série de dificuldades. Abordar essas múltiplas agências é, assim, uma condição necessária para se estabelecer um canal efetivo de comunicação e diálogo.

Família e escola precisam se unir em prol do favorecimento das aprendizagens e do bem estar dos alunos. Uma alternativa possível e viável para fortalecer e estreitar os laços entre essas duas instituições é trazer a família cada vez mais para dentro da escola por meio de encontros, palestras, reuniões e troca de experiências.

2.3 VIOLÊNCIA E INDISCIPLINA

Anteriormente foi mencionado o preocupante agravamento da violência em todas as esferas sociais e que isso tem deixado a escola em constante “estado de alerta.” Os atores da escola, tem tomado atos de violência como sinônimo de indisciplina e vice versa. Há situações em que é difícil diferenciar com clareza os dois conceitos, mas generalizar tudo o que ocorre na escola como violência tem trazido confusões. Nesse sentido, a respeito da temática violência e indisciplina, é possível identificar as polêmicas, confusões e oscilações que vem marcando esses dois termos.

Na realidade, o conceito de indisciplina é altamente amplo e vago. Nos regimentos escolares algumas regras estão especificadas, mas no dia a dia das

salas de aula são os professores que, com seus diferentes estilos e formas de organização do trabalho, delimitam o que é considerado ou não indisciplina.

Uma forma simples de distinguir violência de indisciplina é explicitar que os atos de violência ferem o Código Penal e são atos como agressões físicas ou porte de armas. Já os atos de indisciplina seriam aqueles que dizem respeito apenas ao âmbito escolar, ferindo o seu regimento, os acordos feitos para o bom funcionamento do trabalho pedagógico ou as regras de boa convivência.

Há alguns anos atrás, o que era entendido como indisciplina eram atitudes como falar quando devia permanecer calado, mascar chiclete, fazer barulho, correr nos corredores, furar filas, desrespeitar as normas sobre o modo de se vestir e fazer desordem. O aluno da escola de anos atrás, que obedecia a quase sempre tudo sem reclamar, que repetia o que o professor mandava sem questionar, que se submetia ao autoritarismo do adulto, não existe mais. A relação do aluno com a escola, sua vida e o próprio sentido da escola para ele mudaram. O aluno de hoje grita por mudanças, embora alguns docentes insistam em não querer ouvir.

Considerar as dificuldades encontradas pelos professores diante de tais mudanças é considerar uma realidade também existente. O professor tem se deparado a cada dia com situações com as quais ele não consegue lidar ou por inexperiência, ou por falta de capacitação, ou até mesmo por optar por não aderir a mudanças.

A indisciplina é justamente um dos principais fatores que tem dificultado o trabalho docente e alvo de maiores reclamações no que tange o cotidiano escolar.

Atualmente o que podemos presenciar é que a indisciplina inclui todos os atos que ferem as regras de bom funcionamento da escola e das aulas: todas as formas de desrespeito e agressão verbal aos professores e outros educadores da escola; ações contra o patrimônio, como pichações, quebra de carteiras e materiais; recusa a participar das atividades escolares, conversas, barulho ou andar indevidamente durante as aulas; as práticas de agressão física e verbal entre colegas, que caracterizam o “bullying”; e muitos outros atos, frequentemente chamados de microviolências ou incivildades.

A respeito do “bullyng”, Tiba (2006) diz que:

Certos alunos juntam-se para rejeitar ou agredir um colega que é diferente dos demais. Em geral, o agredido é mais frágil que os outros e não tem condições de defender-se sozinho na hora. O termo bullying vem do verbo inglês bully, que significa intimidar, tyrannizar (TIBA, 2006, p. 181).

A indisciplina reflete então desacordos em relação a contratos e expectativas sociais, na esfera das relações entre sujeitos, bem como no campo das relações desses com o conhecimento (GARCIA, 1999).

De acordo com Royer (2002) a escola possui um importante papel na prevenção da indisciplina e de comportamentos agressivos. Na realidade, esse papel abrange toda comunidade escolar, de toda a escola, mas em particular dos professores que são um dos principais atores do processo educativo. Assim:

(...) os professores, no decorrer de sua formação inicial ou mais adiante, tem que desenvolver a capacidade de intervir e de evitar comportamentos agressivos nas escolas. Sejam mais claros: a capacidade de ensinar a ler, escrever e fazer operações matemáticas não é mais suficiente para educar os jovens que hoje frequentam nossas salas de aula (ROYER, 2002, p.253).

A realidade sentida na pele é que professores e demais funcionários da escola recebem pouca ou nenhuma formação sobre como proporcionar uma educação de qualidade para alunos que apresentam um comportamento indisciplinado e/ou agressivo.

No processo de formação é preciso que sejam traçadas estratégias que visem o desenvolvimento de conhecimentos a esse respeito (ROYER, 2002 p 253).

O mesmo autor assinala ainda que a política de formação de professores será correta e eficaz se os professores compreenderem como os comportamentos indisciplinados e/ou agressivos se manifestam nos jovens; se eles compartilharem que a educação e a escola podem evitar que esses fatores se desenvolvam e tenham continuidade; se eles agirem de forma ativa frente a esses conflitos; se convencerem se de que as intervenções precisam ser formuladas para cada caso; se valorizarem a formação continuada tendo claro que só a experiência não basta;

se integrarem em sua prática os novos conhecimentos; se formarem parcerias com os pais e reconhecerem a importância do trabalho em equipe.

Entende-se ainda que os professores podem e devem discutir a problemática da indisciplina com seus alunos numa perspectiva do diálogo, devendo unir esforços para que os mesmos repensem o porquê dos seus atos, pois a escola também tem como função desenvolver o pensamento reflexivo em seus alunos, auxiliando-os a construir uma compreensão coerente da realidade, resgatando quando necessário, princípios éticos e desenvolvendo ações que visem a promoção de valores fundamentais como solidariedade, respeito, honestidade, responsabilidade, fraternidade e de convivência que parecem estar sendo deixados de lado.

2.4 DIVERSOS TIPOS DE VIOLÊNCIA

No nosso dia a dia é comum ouvirmos comentários e reclamações sobre a violência. Os noticiários diariamente retratam, no Brasil e no mundo, casos de assassinatos, assaltos, agressões, sequestros etc. Contudo o que é violência?

Como podemos defini-la? No dicionário, encontramos o significado: “constrangimento físico ou moral exercido sobre alguém, para obrigá-lo a submeter-se à vontade de outrem; coação” (HOUAISS, 2009).

Dessa forma, será que é possível falarmos em vento violento, quando o mesmo derruba árvores? Podemos qualificar a chuva de violenta, quando a mesma inunda bairros ou destrói plantações? Na verdade, se a violência pressupõe um constrangimento exercido por alguém sobre outro alguém, então se trata de uma ação humana deliberada.

Assim, não podemos qualificar como violentos os fenômenos da natureza, como chuvas e ventos, ou mesmo a ação instintiva animal. Segundo Aranha e Martins (2005, p. 282), não é tarefa simples definir violência:

Para definir violência, comecemos pelo caráter de disputa, de luta, de conflito, que envolve pessoas ou grupos com interesses divergentes e

em que a solução apresentada é o recurso abusivo da força. Nesse processo, há que se destacar, de um lado, a intencionalidade de um autor e, de outro, uma vítima. A violência é movida, portanto, por um desejo de destruição do outro, que se configura a partir de diversos tipos de intenção: ferir, matar, prender, ameaçar, impedir de agir, humilhar, roubar ou destruir os bens. Essas agressões tiram a vida, atingem a integridade do corpo, a liberdade, o direito a propriedade ou ainda perturbam o espírito e a dignidade das pessoas. (ARANHA e MARTINS, 2005)

Com essa definição, as autoras destacam um tipo de violência que se configura por um conflito entre pessoas ou grupos com interesses divergentes de um lado temos o autor ou autores da violência e de outro lado, a vítima ou vítimas que a sofrem.

As autoras também explicam que nem sempre essa 25 Revisão: Cristina - Diagramação: Márcio - 10-08-2012 Fundamentos de Filosofia e Educação relação se mostra de modo claro e distinto, pois, em alguns casos, a violência se encontra camuflada e, portanto, necessita ser desvelada e denunciada.

Vamos conhecer um pouco sobre a violência estrutural, a violência passiva e a violência simbólica.

2.5 VIOLÊNCIA ESTRUTURAL

A violência estrutural, também chamada violência branca, “não salta aos olhos”. Nela, o agressor não é identificado imediatamente e, às vezes, a própria vítima não percebe a violência a que está submetida. Essa violência passa despercebida como se apenas resultasse da “ordem natural das coisas”, e não da ação humana. Mas, à medida que descobrimos as relações de exploração de um sistema injusto, precisamos agir para modificar essa situação (ARANHA e MARTINS, 2005, p. 283).

Temos como exemplo desse tipo de violência a fome, a pobreza, o trabalho infantil, a ausência de escolas etc.

2.5.1 Violência passiva

A violência passiva ou violência por omissão ocorre toda vez que deixamos de agir para evitar sofrimentos ou salvar vidas. Por exemplo, se o motorista que provoca um acidente de trânsito alega não ter causado danos voluntariamente, mesmo assim convém saber se não houve descuido ou imprudência da parte dele (ARANHA e MARTINS, 2005, p. 283).

Também podemos citar como exemplo uma empresa que não cumpre com as normas de segurança e tal procedimento desencadeia vários acidentes de trabalho, assim como aquela que não executa um controle para evitar a poluição atmosférica ou dos rios e com isso compromete o bem-estar das pessoas.

3. Violência simbólica

A violência simbólica resulta da força de natureza psicológica que atua sobre a consciência, exigindo adesão irrefletida, só aparentemente voluntária. Ou seja: não existe violência simbólica quando tentamos persuadir alguém, estando, nós próprios, também dispostos a mudar de ideia pelo convencimento do outro. Esse comportamento significa abertura para o diálogo e aceitação do pensamento divergente (ARANHA e MARTINS, 2005, p. 284).

A violência simbólica existe quando, mesmo sem recorrer à força física, consegue-se manipular as pessoas para que tenham o comportamento desejado por meio da imposição de valores e exigência da aceitação cega e irrefletida.

3.1 SOBRE A ESCOLA CAMPO

Inicialmente, fui a campo para coletar informações sobre a escola e a partir das observações realizadas elaborei a caracterização física/material da escola.

A escola Estadual Criança Esperança, está localizada na quadra 303 Norte Apm 07, Alameda 11 Plano Diretor Norte Palmas–TO.

A escola oferece ensino médio regular e EJA, dispõe de uma sala de vídeo que se encontra num local amplo, televisão, DVD e um data show. Todos esses recursos estão a disposição dos professores. Os banheiros são amplos e se encontram em um local acessível a todos os alunos, porem o estado de conservação das portas é ruim, pois se encontram riscadas e algumas não fecham. No que se refere a limpeza, esta é feita com frequência pelos auxiliares de serviços gerais da escola. Os bebedouros também estão em locais acessíveis.

A escola possui biblioteca, não muito grande, mas que corresponde as necessidades básicas dos alunos, pois possui uma boa quantidade de livros, revistas e jornais que são utilizados como fonte de pesquisas para os alunos. A merenda é condicionada na cozinha, onde é preparada. As merendeiras dispõem de um cardápio variado para a semana, composto por cuscuz, jantinha, frutas e etc.

A diretoria esta num local de fácil acesso, tanto para os professores quanto para os alunos. A sala dos professores é grande, possui mesas com cadeiras, armários para os professores guardar os seus materiais. Além disso, durante o intervalo é servido aos professores um lanche que contém frutas, bolos, café e sucos. E etc

3.2 ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICO-DIDÁTICA

Há um projeto pedagógico ou plano da escola feito pela equipe escolar no início do ano, ele está escrito. Há definição de objetivos e metas para o ano letivo, pelo plano de ação bem como a explicitação de atividades administrativas, financeiras e pedagógico-didática.

Os planos de ensino são elaborados por projetos, e são feito por áreas. Os planos de aula são elaborados no horário do planejamento das aulas. A coordenação e direção acompanham os professores na elaboração dos planos semanais e/ou diários. As reuniões pedagógicas frequentes ocorrem a cada bimestre, e os assuntos que são tratados nessas reuniões são sobre o projeto aprendizagem.

RESULTADOS E ANÁLISE

O presente capítulo tem como objetivo analisar as respostas acerca da indisciplina na Escola Estadual Criança Esperança, mais especificamente entre alunos dos 1° e 2° anos, emitidas pelos sujeitos participantes deste estudo, são eles, 04 professores e 24 alunos.

Os sujeitos da pesquisa responderam a 05 perguntas estruturadas de um questionário.

As respostas dos participantes foram analisadas, proporcionando a construção de elementos que demonstram os motivos formulados pelos sujeitos, os quais estão diretamente relacionados ao objeto de estudo, tornando, nos permitindo uma apreensão e compreensão mais ampla da investigação.

A seguir apresentam-se as tabelas e gráficos referentes aos questionamentos feitos a professores e alunos. Os gráficos de 01 a 05 retratam as respostas dos professores e os gráficos de 06 a 10 dizem respeito às respostas dos alunos.

Gráfico 01- Tipos de indisciplina e violência que ocorrem com mais frequência na escola.

Os dados do gráfico 01 revelam os tipos de indisciplina que mais ocorrem no ambiente escolar e que interferem no cotidiano da sala de aula. As opções mais evidenciadas foram: agressões verbais e conversa excessiva com 100% de indicação e agressões físicas, brincadeiras e levantar-se do lugar sem necessidade que surgem com 75%.

Percebe-se, através dos resultados contidos no gráfico 01, que as violências mais explícitas como roubos e furtos ou ameaças, não foram as mais citadas pelos professores, traduzindo a menor incidência desses casos, mas não por isso há de se ignorar esses fatores.

Nota-se certa generalização ao lidar com o assunto e também que seu entendimento no interior das escolas está voltado principalmente às agressões físicas, sendo que as violências menos explícitas são minimizadas.

Nesse sentido Abramovay (2006) coloca que:

As definições de indisciplina estão alinhadas aos conceitos de violência: como sinônimo de agressão física; como delito ou crime; como transgressão; como agressão verbal; como as várias formas de discriminação; como ataques ao patrimônio, entre outras. Nesse sentido é necessário abandonar definições rígidas e restritivas, que limitam a violência a um ou outro tipo de manifestação (Abramovay, 2006. p.76).

A ordem dos tipos de indisciplina e violência no gráfico seguiu a mesma seqüência apresentada no questionário. Não foram constatadas grandes discrepâncias entre a opinião dos professores na identificação dos tipos de violências mais freqüentes.

Gráfico 02 - Itens por ordem de dominância em relação ao que influencia as atitudes de violência e/ou indisciplina na escola.

No gráfico 02, ficou evidenciado que um dos motivos que mais influencia na indisciplina é a ausência de limites, sendo indicada por 100% dos professores. Logo em seguida falta de acompanhamento familiar com 87,5%.

Em terceiro e não menos importante 75% para pais coniventes com o comportamento inadequado dos filhos. Analisando as respostas obtidas, percebe-se que muitas vezes os motivos que levam o aluno a apresentar um comportamento inadequado na escola extrapolam a dimensão pessoal e estão associados a situações mais amplas como problemas familiares e problemas de relacionamento conforme afirma Abramovay (2006):

A defesa por conceito ampliado de violência se fundamenta numa compreensão do fenômeno como algo intrinsecamente relacionado ao contexto social, histórico, cultural em que ele se dá, com a vantagem de poder abarcar ações, comportamentos e processos diferenciados que envolvem sujeitos distintos (alunos, professores, moradores da comunidade, etc.) e a própria instituição escolar. Assim, não são apenas os episódios graves e espetaculares – como homicídios, porte e uso de armas – que são compreendidos como violência, mas também conflitos, comportamentos e práticas institucionais incorporadas ao cotidiano dos estabelecimentos de ensino (Abramovay 2006, p. 79).

Daí a importância em se trabalhar com o aluno com vistas ao pleno exercício da cidadania, pois da mesma forma que os acontecimentos sociais e situações fora da escola podem influenciar negativamente suas atitudes, os comportamentos e práticas institucionais positivas incorporadas ao cotidiano, podem mudar a realidade da violência e indisciplina na escola.

Gráfico 03 - Medidas mais adotadas pela escola nos processos indisciplinares dos alunos.

O gráfico acima mostra que as medidas mais tomadas pela equipe gestora e por demais funcionários da escola são: advertência oral com 100% de indicações, seguida de advertência escrita, negociação e convocação de pais com 87,5%. Verifica-se a suspensão do aluno como última opção, o que demonstra preocupação em solucionar os conflitos existentes antes de chegarem a punições mais drásticas.

Em relação às medidas punitivas cabíveis em caso de indisciplina e/ou violência, o Regimento Escolar das Instituições Educacionais da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal (DF, 2009) estabelece que:

Art. 53. O aluno, pela inobservância das normas contidas neste Regimento, e conforme a gravidade e/ou a reincidência das faltas, está sujeito às seguintes sanções: I - advertência oral; II - advertência escrita; III - suspensão, com tarefas escolares, de, no máximo, 3 (três) dias letivos, e/ ou com atividades alternativas na instituição educacional; IV - transferência por comprovada inadaptação ao regime da instituição educacional, quando o ato for aconselhável para a melhoria do desenvolvimento do aluno, da garantia de sua segurança ou de outros. §1º Cabe ao professor a aplicação da sanção prevista no inciso I deste artigo e ao Diretor da instituição educacional, as contidas nos demais incisos (DF, 2009 p. 38).

Gráfico 04 - Espaço para a formação continuada e discussões sobre temas relacionados à violência e indisciplina nas coordenações pedagógicas.

O professor não pode agir isoladamente na escola e principalmente no que diz respeito a questões disciplinares. Uma das formas de não estar só e de refletir a respeito das mudanças necessárias é a formação continuada. O espaço da coordenação pedagógica é privilegiado para essa formação.

O Gráfico acima constata que 75% dos professores diz haver momentos de discussões a respeito de violência e indisciplina na escola, porém há de se esclarecer que conversas informais são bem diferentes de direcionamentos sistematizados.

A formação continuada de professores justifica-se para que se criem condições geradoras de competências e inovações para intervenções propositivas nas situações que vão ocorrendo. É uma concepção de formação que faz das 33 práticas profissionais dos professores contextos de “requalificação do coletivo de trabalho.” (NÓVOA, 1992 p.32).

A formação continuada visa incentivar a postura de sujeitos críticos, reflexivos e transformadores, capazes de refletir sobre suas ações, com vistas a produzir saberes que lhes permitam avançar em práticas pedagógicas mais significativas e relevantes para atender as demandas da sociedade.

Gráfico 05 - Proposta pedagógica da escola, favorecendo o Currículo voltado para o desenvolvimento humano.

A disciplina deve ser focada na dimensão da cidadania que implica estabelecer laços, segundo os princípios da autonomia.

De acordo com o gráfico acima, 87,5% dos entrevistados concordam que a escola contempla um currículo voltado para o desenvolvimento humano e propõe ações voltadas à diminuição da indisciplina na escola.

A LDB – Lei de Diretrizes da Educação Nacional (1998) referencia que as escolas devem elaborar e executar a proposta pedagógica, mas há de se ressaltar que essa elaboração e execução precisam estar voltadas para a constante busca da identidade da escola, valendo-se das mudanças necessárias, inclusive envolvendo a comunidade escolar para que a mesma se torne corresponsável por sua execução.

No caso de temas como violência e indisciplina, é importante que a proposta pedagógica leve a reflexão, remetendo ao que realmente está acontecendo a fim de transformar o que for necessário.

A proposta pedagógica deve também levar os professores à reflexão, além elencar em conjunto os objetivos a serem atingidos, partindo das necessidades mais visíveis para as imperceptíveis a fim de organizar e planejar as ações cabíveis.

O planejamento que deve acontecer na escola precisa se valer dessas reflexões, sendo realizado com consciência, intencionalidade, participação e responsabilidade, buscando sempre o melhor para a comunidade escolar e principalmente para o aluno.

É preciso agregar ao Projeto Político-pedagógico ações que abranjam direitos, deveres e valores. No PPP as regras da vivência em grupo devem ser compartilhadas no exercício pleno da cidadania escolar que prevê normas de convivência entre toda comunidade escolar, nas diferentes posições, papéis e competências.

Por ser o aluno objeto da reflexão do educador e também sujeito, é necessário que ele seja ouvido e reconhecido. Entende-se que se não houver uma escuta sensível para o aluno, não é possível haver diálogo com ele. Dessa forma, a opinião dos alunos se faz necessária no sentido de perceber essa temática de sua perspectiva, ou seja, pelo seu olhar.

Os gráficos de 06 a 10 são referentes às respostas dos alunos. Vale ressaltar que os mesmos demonstraram comprometimento e interesse em responder as questões propostas, trazendo mais credibilidade para a análise desses dados.

Gráfico 06 – A respeito do regimento interno da escola.

A escola estabelece normas que visam organizar o seu funcionamento, como no caso do Regimento das Escolas Públicas do DF. Partindo daí, as escolas constroem seu próprio regimento escolar e na escola pesquisada isso não é diferente, há a existência do Regimento interno, que na maioria das vezes, não consegue responder aos seus objetivos uma vez que formuladas e implementadas de forma unilateral, sem se ponderar a palavra dos alunos e a de seus pais. A respeito disso Abramovay diz que:

A cultura escolar, muitas vezes, se baseia em uma violência de cunho institucional, a qual se fundamenta na inadequação de diversos aspectos que constituem o cotidiano da escola – como o sistema de normas e regras muitas vezes autoritárias; as formas de convivência; o projeto político pedagógico; os recursos didáticos disponíveis e a qualidade da educação – em relação às características, expectativas e demandas dos alunos, o que gera uma tensão no relacionamento entre os atores sociais que convivem na escola. Nesta perspectiva, a violência escolar é compreendida como resultado das relações tensas e conflituosas estabelecidas entre os membros da comunidade escolar (Abramovay, 2006 p. 72).

As regras e as normas são instrumentos que regulam e regem procedimentos e atos assumindo um caráter obrigatório a cerca de uma determinada forma de comportamento, sendo utilizadas para que se mantenha a ordem escolar.

Assim vale-se de uma série de medidas formais e até mesmo informais para lidar com os possíveis conflitos que possam surgir no ambiente escolar.

Tais medidas para que possam surtir o efeito desejado devem ser amplamente conhecidas, o que também não assegura que elas sejam respeitadas e cumpridas. Desta forma observa-se, conforme o gráfico acima que 83,3% dos alunos entrevistados afirmaram ter conhecimento sobre o regimento escolar, porém conflitos e indisciplinas continuam ocorrendo. E 8,3% dos alunos indicaram que não conhecem ou que nem sabem o que é.

Gráfico 07 – A respeito dos direitos e deveres dos alunos.

Em relação a esse gráfico, 70,8% dos alunos afirmou ter discutido sobre os direitos e deveres junto com o professor. Já 20,8% indicaram o item em que o professor já levou os direitos e deveres prontos para a turma e 8,3% não discutiram sobre o assunto com o professor.

Segundo (ORTEGA, 2003, p. 19), as regras devem ser elaboradas democraticamente e revisadas por todos os membros da comunidade.

Na escola em que não se dá esse processo e os estudantes não conhecem e não discutem os principais problemas que acontecem no cotidiano há disfunções no reconhecimento de identidades sociais dos que dele participam (idem, p 19).

Assim os alunos não se sentem sujeitos do que acontece na escola, mesmo que os assuntos tenham diretamente relação com eles. Algumas normas, em geral, são mal aceitas pelos alunos, seja porque estes não a entendem ou porque a consideram sem sentido.

A obediência não significa uma moralidade desenvolvida, nem é suficiente para se criar um ambiente social saudável, de cooperação. Se o grande objetivo da escola é promover a autonomia, é preciso que as regras existam em função da necessidade e não apenas para obedecer a uma autoridade.

O castigo pode estimular ainda mais a indisciplina e fazer com que as crianças permaneçam acreditando que é preciso obedecer sem guiar suas atitudes por princípios e valores.

É comum haver nas escolas uma preponderância de regras convencionais (como o uso do boné...) em relação às regras morais (que não se coloquem apelidos, a tolerância ao diferente), mas o que deve ser levado em consideração é o sentimento de pertencimento e o quanto a participação na construção das regras é efetivada. Sem ver razão nas regras, a desobediência torna-se ainda mais freqüente.

Gráfico 08 – A respeito das atitudes tomadas pelo professor diante da indisciplina na sala de aula.

Ao serem indagados sobre a postura do professor diante a situações de indisciplina, 87,5% afirmaram que o professor procura resolver logo a situação. Isso

demonstra que a intervenção do professor está acontecendo, pois o mesmo não está alheio aos fatos que acontecem em sala.

Quando o professor não toma nenhuma atitude, os estudantes podem interpretar o fato como aprovação e a situação de indisciplina ou violência tende a se agravar.

As atitudes dos professores em relação à indisciplina devem estar em conformidade como menciona Tiba (2006):

Por isso, é importante que os professores adotem um padrão básico de atitudes diante dos tipos de indisciplina mais comuns, como se todos vestissem o mesmo uniforme comportamental. Esse uniforme protege a individualidade do professor. Quando um aluno ultrapassa os limites, não está simplesmente desrespeitando um professor em particular, mas as normas da escola (TIBA, 2006, p. 127).

É preciso dimensionar a disciplina escolar como uma reconstrução da autoridade do professor para uma permanente construção da autonomia dos estudantes.

Os alunos precisam de interação, participação, parceria, respeito e limites. A essência da autonomia consiste em as pessoas se tornarem aptas a tomar decisões por si próprias. Autonomia significa levar em conta os fatos relevantes para decidir a forma de agir que beneficiem a todos.

Gráfico 09 – A eficácia das advertências e suspensões.

O gráfico acima deixa explícita a opinião dos alunos entrevistados a respeito das punições como advertências e suspensões, uma vez que 50% dos alunos entrevistados consideram que tais medidas não resolvem a questão de comportamentos indisciplinados ou violentos.

Os gestores escolares, que também são sujeitos envolvidos diretamente na ação educativa, não têm conseguido lidar com esta questão, denotando despreparo e falta de conhecimento acerca do assunto.

Muitas vezes, na busca ansiosa por ações que amenizem a problemática, o fracasso é inevitável, agravando qualitativamente o desempenho das atividades desenvolvidas no ambiente escolar. De acordo com Garcia (2009):

A propósito das estratégias de enfrentamento da violência nas escolas, há um risco de nos mantermos limitados a enfoques repressivos, ou imobilizados por concepções que afirmam aos educadores a impossibilidade da escola agir de um modo efetivamente transformador. Tendo em vista a necessidade de transformar o tecido mais amplo e complexo que sustenta e orienta as decisões e ações sobre o que se vai fazer antes e diante do cenário de indisciplina e violência nas escolas, afirmamos a necessidade de exercermos formas mais amplas de compreensão e ação social. Mas tais mudanças de perspectiva precisam estar refletidas nas visões e práticas de gestão educacional (GARCIA, 2009 p. 518).

A fala do autor reforça que advertências e expulsões são medidas que não têm adiantado no combate à violência, pois são também atuações agressivas. Estas ações têm atingido o fenômeno superficialmente, apenas em seus efeitos aparentes. Ao lidarmos com questões de violência utilizando medidas exclusivamente punitivas, estaremos adiando a questão e mascarando seus efeitos, para que mais tarde tudo volte à tona.

Gráfico 10 – Os pais frente a advertências e suspensões.

O gráfico 10 mostra que os pais e/ou responsáveis sabem quando acontecem as advertências ou suspensões e comparecem à escola. Isso ficou evidenciado no fato de 83,3% dos alunos terem respondido que os pais sabem e comparecem. Porém é de suma importância para o fortalecimento das relações na escola, que a presença da família não seja só quando seus filhos apresentam problemas.

Segundo Garcia (2009):

(...) as escolas também precisam de um novo paradigma de gestão educacional no que se refere à relação com a família. Essa relação, embora em teoria seja destacada e valorizada pelas duas partes, na prática comumente apresenta diversos limites. Tais limites resultam de diversos aspectos, tais como o baixo nível de engajamento dos pais, ou da própria forma como as escolas assumem posições pouco democráticas ao estabelecerem a si mesmas como o marco de referência da relação (GARCIA, 2009. p, 520).

Para que a parceria família/escola tenha melhores resultados na aprendizagem do aluno, é necessário o cultivo de atitudes como: mudar o caráter

dos encontros com a família, criando um clima de colaboração e de troca sobre o desenvolvimento do aluno; incentivar os responsáveis a acompanharem a vida dos alunos garantindo o elo de cooperação entre as de cooperação entre as partes.

A aproximação entre escola e família pode ser uma ação concreta para reforçar o esforço em trazer a paz à escola, amenizando a indisciplina. Há situações em que o diálogo amigável e alguns aconselhamentos podem fazer diferença, pois as famílias precisam ser ouvidas para que os problemas sejam melhor compreendidos e solucionados.

Considerações em torno dos resultados

Nas respostas de professores e alunos, pôde ser constatado que tanto pais quanto professores demonstram interesse e comprometimento em resolver os problemas indisciplinares, porém, só quando eles aconteceram. As respostas de ambos os segmentos afirmam ainda que há a o conhecimento do regimento escolar e no início do ano o professor elabora regras de boa convivência com os alunos, porém, ainda há casos de indisciplina.

Em suas respostas, os professores afirmaram que na coordenação pedagógica há espaço para a reflexão sobre o assunto, porém infelizmente essas reflexões sistematizadas não acontecem e isso é claramente demonstrado na falta de ações preventivas que tenham tido um planejamento cuidadoso e que envolvesse toda comunidade escolar.

Assim, as medidas punitivas são tomadas quase que automaticamente, onde alunos estão condicionados a recebê-las e gestores e professores condicionados a aplicá-las.

A respeito das punições, professores relacionam as mais utilizadas como sendo advertência oral, escrita e convocação dos pais e a maioria dos alunos afirma não considerá-las eficazes.

Na temática Indisciplina é fundamental que o tripé família, escola e professor esteja em pleno equilíbrio e sintonia. Família e a escola precisam trabalhar em conjunto para que o aluno tenha um bom desempenho, e uma formação que ajude no seu futuro, e possa construir uma sociedade melhor para todos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa pesquisa buscou-se refletir sobre a indisciplina e violência, que são assuntos que se misturam e são facilmente confundidos. A realidade é que inevitavelmente estão inseridos na escola e não diferente na escola pesquisada. A falta de respeito, brigas, agressões verbais e físicas são queixas que se propagam entre pais, professores, gestores e entre os próprios alunos.

Atitudes indisciplinadas tem prejudicado o desenvolvimento cognitivo em sala de aula e se tornado corriqueiras.

Diante das ocorrências de indisciplina, o que tem sido feito é remediar a situação. O professor tenta controlar a turma, o aluno se defende dos colegas revidando agressões recebidas e os pais repreendem o filho quando recebe reclamações.

Cada um lida solitariamente com a situação e da forma que sabe, como se o problema fosse só seu. Um dos fatores que pode ser observado com a aplicação da pesquisa é que a indisciplina na escola pesquisada é tratada como um bloco de ocorrências uniformes e compreensível de pontos de vista simplistas.

O ideal é que a indisciplina seja compreendida na sua complexidade, sendo tratada na raiz do problema e não apenas com nos seus efeitos, buscando entender a sua ligação com fatores sociais, pedagógicos, afetivos entre outros, valendo-se de uma parceria eficaz entre famílias e escola.

Os professores não tem recebido formação que lhes permita gerir eficazmente os conflitos, tornando-se necessário que a formação desenvolvida na escola, proporcione uma reflexão pautada em subsídios teóricos e autores recentes na área da educação, que possibilite uma intervenção esclarecida.

Combater a indisciplina requer medidas articuladas, não só para a formação continuada dos professores, mas também no fortalecimento do Projeto Político pedagógico a partir de sólidas diretrizes para a formação humana.

A busca de soluções para a indisciplina é tarefa de todos, pais, alunos, professores e comunidade, por meio de um planejamento participativo, que de novo significa a ação de todos, de forma ética, lembrando que é um processo que vai se construindo de forma gradativa e necessita de acompanhamento.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Miriam e CASTRO, Mary.. Brasília **Caleidoscópio das violências nas escolas**. Brasília: Missão Criança, 2006.
- ABRAMOVAY, Miriam et al. **Cotidiano das escolas: entre violências**. Brasília: UNESCO, Observatório de violência nas escolas, MEC, 2006.
- ABRAMOVAY, Miriam; CUNHA, Ana Lúcia; CALAF, Priscila Pinto. **Revelando tramas, descobrindo segredos: violência e convivência nas escolas**. Brasília: Rede de informação Tecnológica Latino-Americana – RITLA, Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal- SEEDF, 2009.
- ABRAMOVAY, Miriam et al. **Violência nas Escolas**. Brasília: UNESCO, Instituto Ayrton Sena, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2004.
- BRASIL, Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1998**.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez 1995, p.68.
- DEBARBIEUX, Eric; BLAYA, Catherine. **Violência nas escolas: dez abordagens europeias** – Brasília: UNESCO, 2002
- DISTRITO FEDERAL(Brasil). **Secretaria de Estado de Educação. Regimento Escolar das Instituições Educacionais da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal**, 6ª Edição, Brasília, 2015. 126 páginas.
- DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**. 6ª ed São Paulo: Cortez: Brasília: MEC, UNESCO, 2001.
- GARCIA, J. INDISCIPLINA E VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS: algumas questões a considerar. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, n. 28, p. 511-523, set./dez. 2009.
- GARCIA, J. Indisciplina na Escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n. 95, p. 101-108, jan./abr. 1999.
- HOUAISS, Antônio & VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Pesquisa. In: _____. **Técnica de pesquisa**. 3.ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 1996.
- NÓVOA, Antônio. **Formação de professores e formação docente**. In: Nóvoa, Antônio. (org.) **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.
- OMS-Organização Mundial da Saúde, **Relatório Mundial sobre violência e Saúde**. 2002.

ORTEGA, R. **Programas educacionais de prevenção da violência escolar na Espanha: o Modelo Sevilha Anti-Violência escolar**. In: **Desafios e Alternativas: violências nas escolas**. Brasília: UNESCO, UNDP, 2003

ROYER, Égide. A violência escolar e as políticas da formação de professores. In: DEBARBIEUX, Eric; BLAYA, Catherine. **Violência nas escolas e políticas públicas**. Brasília: UNESCO, 2002.

TIBA, Içami. **Disciplina: Limite na Medida Certa. Novos Paradigmas**. 85ª edição. São Paulo: Integrare Editora, 2006.

APÊNDICES

QUESTIONÁRIO DESTINADO AOS PROFESSORES

O presente questionário é um dos instrumentos de coleta de dados do relatório de pesquisa (monografia) do curso de Licenciatura em Física da universidade Federal do Tocantins - UFT.

Objetiva-se verificar os aspectos a serem melhorados, aprimorados ou modificados, com vistas a propor procedimentos técnicos que favoreçam a qualidade do trabalho.

Dessa forma, conto com sua colaboração no sentido de responder às questões abaixo referentes ao tema indisciplina, de forma a mostrar a realidade vivenciada na Escola Estadual Criança Esperança em Palmas/TO

1- MARQUE UM X NOS TIPOS DE INDISCIPLINA E VIOLÊNCIA QUE OCORREM COM MAIS FREQUÊNCIA NA ESCOLA:

- () AGRESSÕES VERBAIS ENTRE ALUNOS
- () AGRESSÕES FÍSICAS
- () AGRESSÕES VERBAIS COM O PROFESSOR
- () CONVERSA EXCESSIVA
- () BRINCADEIRAS FORA DE HORA/DEBOCHE
- () BRIGAS
- () APELIDOS
- () FOFOCAS
- () AMEAÇAS
- () BRIGAS NA HORA DO RECREIO
- () ROUBOS E FURTOS
- () PRECONCEITOS
- () BULLYNG

2- ASSINALE OS ITENS POR ORDEM DE DOMINÂNCIA DE 1 A 9 (SENDO 1 O MAIS FREQUENTE E 9 O MENOS FREQUENTE) EM RELAÇÃO AO QUE INFLUENCIA AS ATITUDES DE VIOLÊNCIA E/OU INDISCIPLINA NA ESCOLA:

☐ BAIXA AUTOESTIMA

☐ FALTA DE ACOMPANHAMENTO FAMILIAR ☐ ENVOLVIMENTO COM DROGAS ☐ ALUNOS SOBRECARREGADOS COM TAREFAS DE ADULTOS

☐ DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM

☐ AUSÊNCIA DE LIMITES/RESPONSABILIDADES

☐ PAIS CONIVENTES COM ATITUDES INDISCIPLINARES

☐ DEFASAGEM IDADE/SERIE

☐ FREQUÊNCIA IRREGULAR

3- QUAIS AS MEDIDAS MAIS ADOTADAS PELA ESCOLA NOS PROCESSOS INDISCIPLINARES DOS ALUNOS?

☐ ADVERTÊNCIA VERBAL

☐ ADVERTÊNCIA ESCRITA

☐ SUSPENSÃO

☐ NEGOCIAÇÃO

☐ ENCAMINHAMENTO DOS ALUNOS AO SERVIÇO DE ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL

☐ CONVOCAÇÃO DO RESPONSÁVEL

4- NA COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA EXISTE ESPAÇO PARA A FORMAÇÃO CONTINUADA E DISCUSSÕES SOBRE TEMAS RELACIONADOS À VIOLÊNCIA E INDISCIPLINA?

☐ SIM

☐ NÃO

JUSTIFIQUE

5- A PROPOSTA PEDAGÓGICA DA ESCOLA CONTEMPLA UM CURRÍCULO VOLTADO PARA O DESENVOLVIMENTO HUMANO E PROPÕE AÇÕES VOLTADAS À DIMINUIÇÃO DA INDISCIPLINA NA ESCOLA?

() SIM () NÃO

JUSTIFIQUE

QUESTIONÁRIO DESTINADO AOS ALUNOS

O presente questionário é um dos instrumentos de coleta de dados do relatório de pesquisa (monografia) do curso de Licenciatura em Física da universidade Federal do Tocantins - UFT.

Objetiva-se verificar os aspectos a serem melhorados, aprimorados ou modificados, com vistas a propor procedimentos técnicos que favoreçam a qualidade do trabalho.

Dessa forma, conto com sua colaboração no sentido de responder às questões abaixo referentes ao tema indisciplina, de forma a mostrar a realidade vivenciada na Escola Estadual Criança Esperança em Palmas/TO

1- EM RELAÇÃO AO REGIMENTO INTERNO DA ESCOLA VOCÊ:

- () CONHECE O REGIMENTO
- () NÃO CONHECE O REGIMENTO
- () NÃO SABE O QUE É O REGIMENTO

2- NO INÍCIO DO ANO SEU PROFESSOR:

- ☐ DISCUTIU OS DIREITOS E DEVERES EM SALA DE AULA JUNTO COM A TURMA
- ☐ NÃO DISCUTIU OS DIREITOS E DEVERES
- ☐ JÁ TROUXE OS DIREITOS E DEVERES PRONTOS PARA A TURMA

3- QUANDO ACONTECEM SITUAÇÕES DE INDISCIPLINA EM SALA, O PROFESSOR:

- ☐ PROCURA RESOLVER LOGO A SITUAÇÃO
- ☐ DEIXA PARA RESOLVER DEPOIS
- ☐ NÃO SE INTERESSA EM RESOLVER

4- VOCÊ CONSIDERA QUE ADVERTÊNCIAS E SUSPENSÕES?

- ☐ RESOLVEM O PROBLEMA DE ALUNOS INDISCIPLINADOS
- ☐ NÃO RESOLVEM ESSE PROBLEMA
- ☐ NÃO FAZEM DIFERENÇA PARA OS ALUNOS

JUSTIFIQUE

5- QUANDO ACONTECEM ADVERTÊNCIAS OU SUSPENSÕES SEUS PAIS E/OU RESPONSÁVEIS:

- ☐ NÃO SABEM, PORQUE NÃO SÃO COMUNICADOS
- ☐ SABEM E COMPARECEM IMEDIATAMENTE À ESCOLA
- ☐ SABEM E NÃO FAZEM NADA